

NEUSA HELENA ROCHA BARBOSA

O FEMININO E A QUESTÃO AMBIENTAL

FACES DA MESMA MOEDA

Trabalho de conclusão do curso de  
Educação Emocional, sob orientação do  
professor Mário Koziner.

Fortaleza, Ceará  
2001

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	4
-----------------	---

### CAPÍTULO I

#### 1. A questão de feminino e os principais aspectos históricos

1.1. No tempo da Deusa-Mãe.....	9
1.2. A grande revolução neolítica: até hoje	
1.3. Colhemos frutos.....	11
A idade dos metais: poder do falo.....	14
1.4. A era do pai todo poderoso.....	18
1.5. Surge então a caça às bruxas.....	19
1.6. Enfim, emerge o feminino.....	22

### CAPÍTULO II

#### 2. A questão ambiental

2.1. Reencontro com o passado.....	27
2.2. Um foco na concepção de natureza e na ciência.....	30
2.3. A consciência da crise ou crise de consciência.....	37

### CAPÍTULO III

#### 3. O resgate do feminino e a sustentabilidade da vida

3.1. O Tao dos princípios.....	49
3.2. A Terra está doente, será que tem cura?.....	54

CONCLUSÃO.....	62
----------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	76
-------------------	----

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Mário Koziner que com competência emocional valorizou cada etapa deste trabalho e com o seu trabalho possibilitou parte do meu crescimento pessoal nesta jornada de desenvolvimento e busca de qualidade de vida.

À amiga Ruth Janiques, pelas longas horas de conversas, partilhas, estudos, planejamentos e vivências. Sua sabedoria ajudou-me a compreender a sabedoria do corpo-mente-espírito e as nossas experiências com grupos de mulheres, nossas discussões sobre o feminino e nossa vontade de contribuir com o seu resgate fez-me uma pessoa melhor.

À Walkyria, e todas as mulheres do Lar Francisco de Assis, que com suas experiências e histórias de vida, me fizeram rir, chorar, emocionar e cada vez mais sentir-me irmanada à todas as mulheres.

À Socorro Gonçalves por sua ajuda com a bibliografia e seu exemplo de participação no movimento social, especialmente ambiental e feminino.

À minha família que me apoiou com a aceitação, amor e respeito pois na elaboração deste trabalho, dediquei uma parcela considerável do meu tempo que deveria ter sido de convivência e lazer.

## INTRODUÇÃO

O estudo sobre gênero e meio ambiente abriu-me uma porta que há muito estava trancada. A chave para abri-la veio através de muitas histórias, livros, mitos e experiências com grupos de mulheres. O simples fato de ouvi-la ranger fez estremecer as bases de um pensamento que moldou minha postura e forma de ver o mundo.

Usando as ferramentas da Inteligência Emocional não foi mais possível deixar a porta fechada. Para mim, a questão ambiental e o resgate do feminino têm sido um caminho trilhado, uma missão. Muitos livros, debates e discussões têm construído esse caminho. Alguns livros arrebatadores que me fizeram rir e outros chorar. Alguns profundos, outros impactantes. Pego-me perguntando, ao ver a data de alguns escritos, onde eu estava esse tempo todo? Livros lançados há 20 anos me deixam perplexa diante de tanta “novidade”.

A elaboração deste trabalho vem junto a um esforço contínuo de auto-compreensão do meu desenvolvimento como pessoa. E mesmo antes de iniciá-lo, os estudos e uso das ferramentas da Inteligência Emocional já haviam modificado a minha consciência, não só em relação ao meu ser, mas a forma de viver e conviver neste mundo.

Aprendi, por exemplo, que é preciso enriquecer o mapa de mundo, ativando recursos, potenciais e processos de aprendizagem; que é preciso aceitar para poder transformar; que não posso querer mudar o mundo se não mudo a mim mesma; que tenho que assumir a minha fala, diferenciando-me do outro sem perder a dimensão do nós, mas me responsabilizar por minhas escolhas; que minha missão tem que estar fundamentada em valores e princípios éticos; que fisiologia muda psicologia e através do meu corpo posso flexibilizar e modificar minhas

emoções; que a vida é um processo sistêmico e que somos eternos aprendizes se encararmos as dificuldades como mestras; que toda experiência é válida desde que a entendamos como um estágio importante nesta caminhada. Com isso busquei aprofundar o tema, entendendo-o como fundamental para minha experiência de vida.

Quando comecei a ler o material selecionado, descobri-me inteiramente envolvida com o tema, com fome e sede de saber. Foi através da psicologia do feminino, com os estudos junguianos sobre o Feminino Consciente, as Deusas<sup>↵</sup> interiores e o arquétipo da mulher selvagem que me dei conta de que eu não tinha consciência da minha própria identidade feminina e o quanto eu estava desconectada deste princípio e polarizada pelo pensamento linear lógico-racional que havia conduzido minha postura até então.

Ao aproximar-me do pensamento sistêmico fiquei totalmente confusa, sentindo-me vazia de conhecimentos fundamentais. Desestabilizada cognitivamente; busquei respostas para questões que me angustiavam, tentando ampliar meus esquemas de assimilação. Acabei percebendo minha pequenez diante de tanta complexidade e, como era de se esperar, entrei em “crise”, junto com a crise de paradigmas mais gerais. Veio a estagnação, apenas lia, não escrevia uma só linha, achando-me totalmente incapaz. Só aos poucos fui dialogando com os autores, apropriando-me de novos conceitos e, principalmente, despindo-me de algumas bagagens teóricas anteriores centradas numa visão masculina. Percebi que a criatividade não é dom e que é possível fluir quando se tem clareza do objetivo a alcançar.

---

<sup>↵</sup> Alguns autores utilizam a letra maiúscula para a escrita de palavras como “Deusa” e “Deuses” para designar a importância do termo, dessa forma também farei uso desse artifício.

Comecei então a observar minha própria experiência ao coordenar algumas oficinas e palestras sobre esse tema. Ao prepará-las, reexaminava conceitos e esquemas de abordagem sobre o assunto. Observei ainda a experiência e história de outras mulheres que junto comigo buscavam resgatar o feminino. E o contato com jovens ecologistas foi fundamental para que eu permitisse deixar fluir a linguagem da intuição e levantasse algumas questões tais como:

- Como resgatar o feminino sem cair na postura de valorização de uma polaridade em detrimento da outra?
- Como buscar o equilíbrio entre os princípios femininos e masculinos usando a razão e a emoção?
- Por que ainda é tão forte a realidade de violência, submissão e opressão na questão de gênero?
- Por que é tão difícil falar de princípios sem vinculação com os aspectos sexuais e biológicos?
- Por que é tão difícil a internalização de novas posturas se vivemos numa crise tão profunda?
- Qual a relação entre o feminino e a questão ambiental?
- Como contribuir para a sustentabilidade da vida no planeta a partir do resgate do feminino em homens e mulheres?

Penso que o resgate do feminino é hoje uma necessidade de sobrevivência. Por isso esse tema ganha relevância social. Poder refletir e tematizá-lo tendo como objeto a interface entre o feminino e natureza ajudou-me a perceber o todo e a crescer não só individualmente, mas também coletivamente, pois essa visão é transformadora.

Procurro, neste trabalho teórico, argumentos que venham a elucidar o fato de que a crise ambiental que presenciamos hoje tem como base de sustentação o patriarcado que oprimiu historicamente o feminino em homens e mulheres; que a subjugação das mulheres reflete a subjugação e

devastação da natureza e que a saída para a crise é o equilíbrio entre os valores emocionais e cognitivos, entre masculino e feminino, e que isso só será possível com a recolocação da verdadeira feminilidade em posição de dignidade, poder e respeito.

Para tanto o trabalho foi subdividido em 3 capítulos. O primeiro trata do feminino e seus principais aspectos históricos desde os tempos da Deusa-Mãe até a emergência do feminino no final do século passado, passando por revoluções, concepções religiosas, caça às bruxas até os dias de hoje.

O segundo capítulo aborda a questão ambiental focalizando a concepção de natureza e de ciência e o paradigma que fundamenta tais concepções. Nesse capítulo busco apresentar a dimensão da crise ecológica e a tomada de consciência sobre a tamanha tarefa de enfrentá-la.

O terceiro e último capítulo traz como alternativa o resgate do feminino para a sustentabilidade da vida. Nele aprofundamos um pouco sobre as polaridades yin/yang, buscando o caminho do meio, do equilíbrio, da inteireza como esperança para possibilitar a vida fluir em harmonia e plenitude.

Concluo analisando uma história mitológica e com a sensação de que muito mais poderia ter sido escrito que essas reflexões são ensaios iniciais; que o trabalho não se encerra pelo contrário, abre novas portas porém, algumas continuam rangendo e outras ainda estão fechadas esperando por uma chave que possa abri-las. Eis aqui um desafio!

## **CAPÍTULO I**

### **A QUESTÃO DO FEMININO E OS PRINCIPAIS ASPECTOS HISTÓRICOS**

Neste capítulo tentarei abordar alguns aspectos históricos que julgo importantes para a compreensão da questão do feminino hoje. É um olhar para o passado como um espelho retrovisor que oriente seguir em frente.

Para encontrar o fio condutor da questão é preciso falar sobre as culturas patriarcais e matrísticas e a relação com a visão de mundo hegemônica na sociedade.

Vivemos numa cultura patriarcal do tipo européia. Mas nem sempre foi assim. Houve um tempo em que o modelo de convivência era outro, chamado por alguns teóricos, como Humberto Maturana<sup>1</sup>, de matrístico. Nesta cultura pré-patriarcal as qualidades femininas conduziam a uma visão de mundo sistêmica, não-linear, acolhedora, na qual homens e mulheres eram igualmente fortes (mas não necessariamente isenta de conflitos).

As descobertas arqueológicas mostraram que a humanidade viveu, em seus primórdios, um longo período de paz e prosperidade.

Segundo a pesquisadora Riane Eisler<sup>2</sup>, muitos milhares de anos em que todas as tecnologias básicas sobre as quais a civilização foi construída

---

<sup>1</sup> IN: MARIOTTI, Humberto – As Paixões do Ego – p. 40

<sup>2</sup> EISLER, Riane – O Cálice e a Espada –p.37



se desenvolveram em sociedades que não eram dominadas pelo homem, não eram violentas nem hierárquicas.

Estudiosos do século XIX concluíram que essa sociedade era “matriarcal”<sup>3</sup>, pois o modelo de pensamento que possuíam era o da lógica dominante. Estava claro para os estudiosos da época a supremacia de um gênero sobre outro.

Contudo não existia sustentabilidade para tal conclusão, conforme Eisler. Para ela há outra alternativa se nos libertarmos do modelo de pensamento dominante, pois existiram sociedades nas quais as diferenças não eram comparadas como inferiores ou superiores.

A palavra “matrística” foi usada pela arqueóloga lituana Marija Gimbutas para falar de uma cultura em que homens e mulheres viviam em cooperação e livres de diferenças hierárquicas. Esses estudos foram sintetizados no livro “O Cálice e a Espada” de Riane Eisler e assumidos por outros autores como Humberto Mariote em “As Paixões do Ego”.

### **1.1. No tempo da Deusa-Mãe**

O patriarcado é posterior a essa cultura matrística dos povos paleolíticos que viviam na Europa há mais de 20.000 anos.

Os achados arqueológicos mostram que essa cultura foi destruída pelos povos pastores indo-europeus que invadiram a Europa há aproximadamente 7 mil anos.

---

<sup>3</sup> Para designar o oposto de patriarcal em relação ao poder dominação.

Nesse período cultuava-se a fertilidade e a fecundidade estabelecendo analogia entre a terra e a mulher. As duas eram vistas como geradoras de vida. O homem desconhecia o seu papel na reprodução, e esse poder de procriar era visto como exclusivo da mulher, que era senhora da vida e da morte. Essa crença mágica vai gerar rituais e símbolos femininos de fertilidade. As descobertas artísticas desse período revelam a figura feminina associada à Terra sendo louvada e simbolizada como Deusa.

Estatuetas femininas, as famosas Vênus esteatopígicas que apareceram em diversos cantos do mundo, datam da época pré-histórica, o paleolítico. Nos últimos 100 anos, escreve Gimbutas<sup>4</sup>, mais ou menos cerca de mil gravuras, relevos e esculturas de imagens femininas do período paleolítico foram encontradas datando aproximadamente 33 mil a 9 mil a.C. Para a autora essas imagens são representações dos vários aspectos da Deusa criadora e do culto às mulheres que aparecem em toda civilização “arcaica” e desenvolve-se fortemente a partir da revolução neolítica estendendo-se por muitos séculos.

Essas descobertas têm uma implicação enorme para uma nova visão de nossa evolução e rompe com o antigo saber centrado no masculino e consagrado pela história oficial.

---

<sup>4</sup> IN: CAPBELL – Todos os Nomes da Deusa- p.34

## **1.2. A grande revolução neolítica – até hoje colhemos os seus frutos**

No período neolítico aconteceu a grande revolução – o homem deixou de ser nômade, coletor e passou a ser caçador, pastor. Cultivou a terra e domesticou os animais. Entretanto essa passagem foi lenta e o prestígio feminino não se alterou tão facilmente. A Deusa-Mãe continuou com todo o prestígio e veneração. Maria Nazaré de Barros,<sup>5</sup> fala de uma matrilinearidade, numa ginocracia original e diz que o homem do neolítico verdadeiramente adorou e cultuou a mulher como Deusa.

Com a descoberta do arado, que fere a terra e introduz a semente, a agricultura, antes nas mãos das mulheres, por ter sido descoberta por elas, passou para o domínio dos homens. E com a domesticação dos animais os homens descobriram que as fêmeas não eram capazes de procriar sozinhas. Essa revolução aconteceu há mais de 10 mil anos e foi a mais importante evolução na tecnologia humana. Agora, para sobreviver, as colônias agrícolas dependiam de uma população fixa e com isso houve um aumento da população, da produção de alimentos e da geração de excedentes.

Essas descobertas, de acordo com a autora, causaram a mudança de atitudes em relação às mulheres e possibilitou o advento do patriarcado. Entretanto a natureza feminina ainda concedia às mulheres muitos mistérios e veneração, pois a maternidade, o parto, a amamentação, a

---

<sup>5</sup> BARROS, Maria de Nazaré – As Deusa, as bruxas e a Igreja, p.13,4 e 24

menstruação ainda tinham conotações mágicas. A Deusa-Mãe que foi inicialmente venerada pelos mistérios da concepção, passou a ser dotada de outras funções vitais como alimentação, fertilidade, poder criador etc.

A visão predominante na história e na antropologia é a de que a dominação masculina, a propriedade privada e a escravidão eram subprodutos da revolução agrícola e não aceitava que havia igualdade entre os sexos no período neolítico, apesar das evidências arqueológicas com o trabalho de Gimbutas<sup>6</sup>. Esse tipo de organização mais pacífica, segundo as pesquisas, parece ter continuado em parte na Idade do Bronze. A arte cretense da era minóica revela esse período de paz mostrando figuras femininas exercendo papéis importantes em todas as esferas (sacerdotisas, curandeiras, capitãs etc.). Creta tinha um elevado padrão de vida, e a descendência era traçada a partir da mãe. Era uma sociedade extraordinariamente pacífica e criativa. Essa cultura floresceu por quase 2 mil anos aproximadamente 3 mil a mil a.C. e na opinião dos especialistas as estatuetas que sobreviveram, desta região e época, refletem aspectos altamente evoluídos da religião da Grande-Mãe.

Eisler<sup>7</sup> usa esse exemplo para mostrar que houve um modelo de parceria com cooperação econômica entre os dois sexos incluindo sentimentos, idéias e aspirações. Com isso tenta confirmar que os homens não foram oprimidos e dominados pelas mulheres numa ordem matriarcal

---

<sup>6</sup> IN: CAMPBELL – Todos os Nomes da Deusa, p. 55 a 65

e que essas sociedades que não eram patriarcais não necessariamente eram o seu oposto.

Mesmo passando por uma transformação significativa, a crença na fêmea universal era profundamente enraizada e foi sendo gradualmente personificada, dotada de características específicas e de diversos nomes. Desse modo a Grande Deusa una passou a ser múltipla. Cada Deusa tinha um nome e atributos próprios, mas sempre era vista como fonte de vida.

A força da Deusa foi celebrada em diversas culturas e mitologias – Inana, na Suméria;

Istar, na Babilônia; Anat, em Canaã; Astarte, na Fenícia; Isis e Nut, no Egito; Na Kua, na China; Freya, na Escandinávia; Kunapipi, na Austrália aborígene; Gaia, na Grécia entre outras. Há Deusas de uma variedade de culturas do mundo todo e não estão restritas ao panteão greco-romano e europeu. No livro “O Oráculo das Deusas”<sup>8</sup> há numeradas 52 deusas, conforme a autora, uma pequena amostra, que por suas características foram adoradas por seus povos desde o início dos tempos.

Parece lógico para nossos ancestrais que o sistema de crenças fosse centrado no feminino, pois as mulheres eram fonte de todo nascimento, morte e regeneração.

---

<sup>7</sup> IN: CAMPBELL – Todos os Nomes da Deusa, p.22-3-4

<sup>8</sup> MARASHINSK, Ana Sophia – O oráculo das Deusas, , p.16-7

### **1.3. Idade dos metais – O poder do falo**

No período posterior – a idade dos metais, o papel do macho ficou mais evidente. Agora a grande Deusa aparecia sempre acompanhada de um esposo, um filho jovem e amante, que tinha o papel de procriador.

Pouco a pouco o poder do feminino foi se deslocando para o falo. Segundo Eisler, do cálice para a espada. Tudo contribuiu para a ascensão masculina. Ela veio com muita luta das mulheres contra a imposição do homem.

Em alguns mitos do Oriente Médio a Deusa foi assassinada; em outros foi estuprada, humilhada e ainda transformada em Deusa marcial, da guerra.

Na clássica obra de Engels<sup>9</sup> “Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, é relacionado a estratificação social com a propriedade privada e a domesticação das mulheres. Engels relaciona a fundição de metais à mudança para o patriarcado.

Os metais passam a ser usados como armas de destruição e dominação. Nesse período, segundo Engels, ocorreu a “derrota histórica do sexo feminino”<sup>10</sup>.

Surge a época das invasões, das guerras e da escravidão. Com as armas o poder do Deus todo-poderoso e a glorificação do poder letal da

---

<sup>9</sup> ENGELS – Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, p . 57

<sup>10</sup> ibdi. p. 95

espada vai substituir os valores anteriores de parceria e implantar um novo modo de convivência – o poder dominação e da violência.

A mitologia grega nos mostra que essa luta não foi nada fácil, pelo contrário, foi muito conflituosa. No livro “A Deusa Interior”, Jennifer e Roger Woolger<sup>11</sup> dizem, através do estudo da psique feminina por meio das Deusas, como os mitos moldam a nossa vida e o quanto devemos examiná-los mais de perto para compreendermos a história.

Nos mitos, dramas e tragédias gregas, podemos perceber a luta entre os valores matriciais e patriarcais e as necessidade de imposição destes últimos. Apesar da ascensão dos valores masculinos, a maioria dos cultos às Deusas sobreviveram e um grau de consciência matrística ainda foi mantida por muito tempo com o politeísmo. Essa convivência de Deusas e Deuses gerava tensões entre as linhagens maternas e paternas. Porém diversos ritos e cultos foram manifestações dos antigos cultos à Deusa-Mãe<sup>12</sup>.

Vejam, Zeus, Deus dominador que reina através de atos cruéis, incluindo estupros a mortais e ninfas, engravida e engole Métis, a Deusa da sabedoria, com medo de ser destronado por esse filho. Tem uma tremenda dor de cabeça e precisa rachá-la. Desse ato nasce Atena, que salta de sua cabeça adulta e armada. Dioniso, outro filho de Zeus, é arrancado do ventre de sua mãe e nasce após ter sido gestado na coxa de seu pai.

---

<sup>11</sup> WOOLGER – A Deusa interior, p.22-3-4

Na tragédia grega de Orestes de Ésquilo<sup>13</sup>, vem-nos a memória de um matricídio cheio de culpa. Apolo, no primeiro tribunal da história, pede a absolvição de Orestes por entender que não pode haver filho sem pai, mas pode sem mãe e justifica usando como exemplo a Deusa Atena que confirma e decide o desempate com o seu voto, absolvendo o matricídio em nome do pai. Com isso Atena declara a supremacia masculina.

Nessa tragédia, as Fúrias e Eríneas, que representam a justiça anteriormente, cedem, contra suas vontades, aos Deuses.

A mitologia é muito rica em exemplos e símbolos. A serpente é um animal que foi dotado de poder feminino. Ela vive no útero da terra, nas águas primordiais. Por isso foi apropriada pelos dominadores indoeuropeus. Esse símbolo poderoso pertencia à Grande Deusa e serviu para recordar a sua conquista e derrocada. Para simbolizar essa derrota aparecem nos mitos a morte e a exterminação de muitas serpentes.

Por exemplo: Zeus mata Sífon; Apolo mata Píton, a serpente monstruosa que é claramente uma referência a um relicário da Deusa cretense; Hércules mata Ladnon, guardiã dos pomos de ouro da Deusa Hera; e quando Perseu mata Medusa, mulher de cabelos de serpentes e garras de dragão, e Atena usa a cabeça da górgona em seu escudo. O que está por trás desse mito é a destruição de um antigo culto à Deusa em que se vestia uma máscara para afastar os não-iniciados.

---

<sup>12</sup> SICUTERI – Lilith a Lua negra, p. 83



Roberto Sicuteri, no livro “Lilith - A Lua Negra”<sup>14</sup> conta e analisa a história daquela que foi a primeira mulher de Adão, antes de Eva. Ela foi criada independente do homem e era cheia de sangue e saliva (menstruação e prazer). Reivindicou igualdade e não admitiu a submissão. Rejeitada, virou demônio, permaneceu na sombra, no lado escuro da lua, na imagem da serpente.

No relato bíblico, Eva foi criada da costela de Adão e foi por sua culpa que os seres humanos perderam o paraíso, onde conviviam em harmonia com a natureza. Na história da expulsão do paraíso é a serpente que aconselha Eva a comer o fruto proibido, da sabedoria. Aconselhar-se com uma serpente, segundo Eisler<sup>15</sup>, não é casual. É ela um antigo símbolo oracular da Deusa primitiva. Eva obedece à Deusa e não ao Deus masculino.

Eva e serpente eram representação da deidade feminina, e por isso foi castigada e atribuindo-se a ela todo o infortúnio da humanidade e a punições terríveis ligadas à maternidade. Eisler afirma que a difamação da serpente e a associação da mulher ao mal e ao pecado representam formas de desacreditar na Deusa e estabelecer a dominação masculina.

---

<sup>13</sup> IN: ENGELS – Origem da Família, da Propriedade privada e do estado, p.39-40-1

<sup>14</sup> SICUTERI – Lilith a Lua negra, p.30 a 37

<sup>15</sup> RIANE – Todos os Nomes da Deusa, p. 21

#### **1.4. A era do pai todo-poderoso**

A idade dos metais foi vista como o momento de dominação dos homens sobre as mulheres. Foi o momento em que os Deuses masculinos se impuseram, seja no panteão greco-romano seja no judaísmo. Zeus e Jeová surgem como os pais divinos, todo-poderosos e celestiais que destituíram a força à Deusa terrena. Ao judaísmo coube mostrar um Deus único, onipotente, e onisciente de tudo e de todos. Um Deus ciumento que puniria com pragas, catástrofes, destruição e morte a traição.

Para a doutrina cristã, disseminada nos últimos 20 séculos, homens e mulheres foram feitos à imagem de Deus, mas foi na forma de um homem que se fez humano. Do mesmo modo, os fundadores da igreja eram homens, Pedro, o primeiro papa e os sacerdotes são homens.

As mulheres nas primeiras comunidades cristãs exerceram papéis de liderança<sup>16</sup>. Maria Madalena teve destaque especial após a morte de Jesus porém, obviamente não foi incluída nas escrituras oficiais do novo testamento, que se tornou androcático e foi usado para justificar crimes terríveis em nome de Deus. O cristianismo tornou-se oficial e uma religião masculina a serviço do “sagrado império romano”. Tornou-se prática da igreja ordenar torturas e execuções a todos contrários à nova ordem. Tudo que ressaltasse o feminino seria considerado inferior e perigoso.

---

<sup>16</sup> BARROS – As Deusas, as Bruxas e a Igreja, p.105-06-07

### **1.5. Surge então a caça às bruxas ...**

Na Idade Média, após o fim do império romano, a sociedade européia queria expandir seus domínios e ampliar o seu poder. Foi a época das cruzadas, que tinham como fachada a luta contra os infiéis. As cruzadas duraram 4 séculos e como os homens foram as batalhas, as mulheres assumiram posições de comando.

Rose M. Muraro<sup>17</sup> analisa a caça às bruxas como uma questão econômica e social. Ela diz que essa perseguição foi muito bem planejada pelas classes dominantes, para que acontecesse a centralização do poder. Tudo começou no século XIV e no auge no século XV as cruzadas retornam para tomarem novamente o poder, usurpando as terras de mulheres velhas e viúvas matando as “bruxas”.

Naquela época eram as mulheres que detinham um saber de cura, passado através de gerações, e com o avanço da ciência esse poder tinha que ser negado. Além disso, as mulheres começaram a se organizar em confrarias para trocar experiências e segredos. Mais tarde essas mulheres vieram a participar de revoltas camponesas.

A igreja cria a Santa Inquisição para reprimir o pensamento divergente. Muraro afirma que 85% das pessoas queimadas foram

---

<sup>17</sup> MURARO – Textos da fogueira, p. 37-8-9

mulheres. Milhões de mulheres morreram. Houve casos em que das 800 mulheres na localidade 788 foram queimadas. Um verdadeiro extermínio<sup>18</sup>.

A autora relata o que contém o livro dos inquisidores intitulado “O Martelo das Feiticeiras”, publicado por ela no Brasil. Os inquisidores diziam que “o satanás chegava ao homem através do corpo e principalmente pelos órgãos sexuais que para eles eram o local da mulher.

A mulher seria cúmplice do satanás por causa do pecado original.” Diziam ainda os inquisidores que as mulheres que tivessem orgasmo teriam copulado com o satanás. Então as mulheres orgásticas e com opinião própria seriam bruxas. Tinha ainda o aspecto econômico, só as pobres eram compradas pelo satanás. Elas eram culpadas pelas inundações e secas, pelas pestes que matavam os animais e vegetais, pela impotência ou infertilidade. Enfim, eram culpadas por tudo<sup>19</sup>.

Os “expurgos” impunham o comportamento dominante e controlavam não só a alma do povo mas principalmente o corpo, que por medo e repressão, não se rebelava. É com a caça às bruxas, segundo Muraro, que se normatiza o comportamento de homens e mulheres européias e criam-se as condições para o novo modelo econômico e social, o mundo industrial.

Com o fim das cruzadas começam a nascer as nações e no início da revolução industrial já eram realidades. Com o medo e o pavor espalhados pela Santa Inquisição surge a figura da pacata dona de casa, mãe dedicada,

---

<sup>18</sup> ibdi, p. 39 - A localidade citada é Trier, na Baviera.

doméstica e não orgástica. A família nuclear é reforçada e se solidifica. Nasce também o amor dissociado do corpo.

O cristianismo determinou a abdição do corpo terreno em prol do espírito e que as pessoas padeciam do pecado original. O corpo era fonte de pecado, e satisfazer os instintos era punível.

O complexo de culpa, a privação do prazer e da alegria foram alguns dos alicerces da civilização industrial.

Pedro José Martins, no livro “Terra – Nave-Mãe”<sup>20</sup>, nos diz que a visão machista de mundo reforçada pelo monoteísmo judaico-cristão reduziu a sexualidade à atividade reprodutora, papel reservado às mulheres no casamento monogâmico. Coloca ainda que a redução da sexualidade polimórfica – a livre satisfação dos instintos vitais – à relação genital, alimentada pelo judaísmo-cristão, foi crucial para o desenvolvimento do capitalismo, e os demais sentidos que complementavam essa sexualidade foram canalizados para o desempenho físico no trabalho.

O mundo industrial vem a todo vapor com a revolução das máquinas. Constroem-se as fábricas, surge a comunicação de massa e a exploração em massa.

A revolução burguesa é plenamente vitoriosa. A tecnologia cresce, vem a grande guerra e a sociedade de consumo com suas conseqüências: a emergência do feminino e a destruição dos recursos naturais.

---

<sup>19</sup> KRAMER – O martelo das feiticeiras, p. 5 a 17

### **1.6. enfim – emerge o feminino**

O movimento pela emancipação feminina é reconhecido por alguns estudiosos como um dos mais importantes para a nossa história, mais profundo e humanizador dos tempos modernos. E é por certo uma das principais forças de transformação.

Teve início no século XIX e tomou força no século XX. No início buscou libertar as mulheres das leis que sancionavam o espancamento feminino. Depois lutou pelo controle dos seus próprios bens e abriu possibilidades profissionais fora do mundo doméstico, obtendo acesso à educação superior.

A sociedade foi intimidada a despertar para a opressão das mulheres. Muitos percalços e pedras nesse caminho, muitos descaminhos também, mas nada permaneceu como estava, muitas conquistas foram alcançadas e com isso ocorreram melhoras significativas na vida das mulheres.

O voto feminino só foi conquistado, nas primeiras décadas do séc. XX. Em 1949, indignada com a Segunda Guerra Mundial, Simone de Beauvoir publica o livro “O Segundo Sexo”, que se torna referência do movimento feminista emergente e o impulsiona a novas lutas. Mas foi na década de sessenta que esse movimento ganhou visibilidade e força social.

---

<sup>20</sup> MARTINS – Terra Nave-mãe, p. 73-4.

Começaram pela luta pelo voto e pelo direito de decidir sobre seu próprio corpo. Depois exerceram pressão em prol de novas leis que protegessem os direitos da mulher dentro e fora do lar.

Nas últimas décadas do século XX as mulheres surgem com força social, histórica e econômica. Em menos de 30 anos tornaram-se metade da população economicamente ativa e começaram a exercer um papel cada vez mais importante nas estruturas políticas, econômicas e sociais.

Nos anos 60, as mulheres reivindicaram liberdade sexual e o direito ao orgasmo, além de conquistarem “liberdade” econômica. Apesar de tudo isso entraram no mundo do trabalho sob condições inferiores<sup>21</sup>.

Muitos fatores contribuíram para a emergência do feminino em relação a própria mulher e para melhora de sua auto-estima, sobretudo no Ocidente. O controle da natalidade libertou as mulheres de sucessivas gravidezes e elevada prole. Um melhor sistema de saúde e a ampliação do mercado de trabalho aumentou o seu raio de ação e poder. Uma legislação mais progressista para o divórcio, por exemplo, permitiu que muitas mulheres saíssem de relações destrutivas sem um estigma social extremado.

Além disso, o feminismo criou organizações e redes importantes; ampliou o sentimento de irmandade entre as mulheres e a necessidade de um maior apoderamento sobre suas próprias vidas, sua própria linguagem,

---

<sup>21</sup> MURARO – Textos da fogueira, p.49-50

a reescrita a história, a revelação contundente do preconceito e as injustiças de gênero e etnia.

A luta e o esforço das mulheres por igualdade fez com que o pêndulo oscilasse para o lado oposto e somente por isso hoje temos condições de buscar o equilíbrio nas relações de gênero.

Os estudos e pesquisas<sup>22</sup> de mulheres antropólogas, sociólogas, historiadoras, médicas, psicólogas, artistas, dentre outras, trouxeram luzes para a superação dos valores patriarcais e androcêntricos.

Foram tão hábeis e corajosas que em apenas 50 anos contribuíram para algumas mudanças no perfil de nosso sistema social injusto, na luta, nos movimentos pacifistas, ambientais, de saúde, de educação, de emancipação política; fortalecendo e fornecendo apoio maciço aos direitos humanos e civis, de negros e brancos, e ainda apoiando organizações que procuraram desenvolver ações mais justas, mais pacíficas e ecologicamente harmoniosas.

Apesar de tantos avanços e reconhecimento internacional, inclusive pela ONU, ainda há em todo mundo uma enorme intensificação da violência contra as mulheres. A tortura acompanha a vida das mulheres na

Somália, onde há mutilação feminina. Em muitos países africanos, na Índia e em alguns países asiáticos as meninas sofrem extirpação do clitóris com ajuda e permissão de suas próprias mães. Os fundamentalistas cristãos

---

<sup>22</sup> EISLER, O Cálice e a Espada, p.199



e islâmicos reprimem intensamente suas mulheres. No Brasil e em quase todos os países aumenta o índice de violência, prostituição infantil, estupros e assassinatos contra as mulheres. Também é sem precedente a violência simbólica através da pornografia, músicas, piadas e frases que vão sendo introjetadas cotidianamente nas cabeças das pessoas e se naturalizando.

Rose Muraro, ao escrever sobre as articulações entre sexualidade e poder, faz sob um recorte de gênero e justifica o uso dessa categoria “gênero” como um instrumento metodológico que começou a ser utilizada primeiro para mostrar a discriminação da mulher em todos os níveis e foi criada pelas mulheres, a fim de dar conta de seu papel na história e na condição humana no fim do século XX. O movimento adotou essa terminologia que veio acrescentar e desmistificar o termo “feminismo” e junto com a categoria “classe social” traz as condições fundamentais para transformarmos a natureza da opressão histórica.

Esse novo saber, essa nova forma de ver as relações humanas, traz um visão totalizante de um mundo feito nas relações. Clara Calline<sup>23</sup>, uma das teóricas do novo feminismo italiano, é citada no livro “Terra – Nave-Mãe”, na definição da plataforma do movimento de mulheres:

*“Queremos viver como mulheres uma experiência totalizante, uma vida na qual a pessoa deixa de ser fragmentada e atomizada – o ser racional de um lado, o ser emotivo de outro. Recuperar uma*

---

<sup>23</sup> IN: MARTINS – Terra nave-mãe, p.77

*certa unidade (...) Recuperar uma totalidade da linguagem e recuperá-la através de uma experiência solidária como terreno de identidade: Eu sou eu mesma quanto mais reconheço que o meu destino passa através do destino do outro.”*

Essa plataforma remete aos princípios básicos da inteligência emocional, que colocam a necessidade de desenvolver mais o cérebro emocional e ampliar a consciência para novas dimensões de inteligência e convivência. Fala ainda de uma quinta onda no conhecimento humano, a onda da intuição, um valor feminino por excelência. Gardner cita cinco princípios básicos: a autoconsciência; a administração das emoções; a motivação para o exercício de nosso potencial criativo; a empatia para nos reconhecermos nos outros e a sociabilidade, que é fundamental na teia de relações. Nessa relação vamos ao outro lado da moeda que é a outra consequência da sociedade de consumo – a questão ambiental.

## CAPÍTULO II

### A QUESTÃO AMBIENTAL

Essa face da moeda revela uma enorme complexidade e a diversidade daquilo que se constitui como questão ambiental.

Parece não haver campo do fazer humano com o qual não haja interface com essa problemática, que é muito ampla e vai desde a extinção de espécies animais, vegetais e ecossistemas, passando pela explosão demográfica, corrida armamentista, urbanização acelerada, contaminação de água e alimentos, efeito estufa, devastação da natureza, entre outras, até as questões políticas e econômicas. Para dar conta de tamanha reflexão, tive que buscar vários teóricos e documentos sobre o assunto, pois este é sinuoso e bastante profundo. Contudo, pretendo mostrar que a lógica da exploração da natureza é a mesma que explora as mulheres e a crise é única, a crise de paradigmas. Para contextualizar precisamos nos remeter ao tempo.

#### **2.1. Reencontro com o passado**

Morin<sup>24</sup> diz que "é no encontro com o seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu próprio presente e preparar seu futuro.

---

<sup>24</sup> MORIN – Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, p.77

A busca de um futuro melhor deve ser complementar, mas não antagônica ao reencontro com o passado”. Por isso vamos buscar novamente o retrovisor e nele vislumbrar a questão da realidade ambiental, que, por estar num ritmo tão acelerado, só de pensar podemos entrar em crise. A crise ambiental, civilizatória, global é também a nossa crise individual como ser humano neste mundo.

Vivemos no planeta Terra, que é a nossa casa. Leonardo Boff afirma que precisamos conhecer o nosso estágio evolucionário presente para construirmos o futuro<sup>25</sup>. É aqui que celebramos o presente, na medida em que vemos tudo o que realizamos no passado e também é o tempo e o espaço para a celebração do futuro. Rose Muraro, ao escrever sobre os mitos de destruição da espécie humana, fala do tempo como uma "espiral enlouquecida" de uma realidade violentamente acelerada e diz que o desenvolvimento cresce exponencialmente, como potenciação que se multiplica seguidamente. No início esse processo foi lento e gradual mas hoje duplica-se vertiginosamente. E, para fundamentar essa visão, dá como exemplo a própria vida:

*"A Terra tem quatro bilhões de anos. Durante os dois primeiros bilhões, não havia vida no planeta. Os primeiros nucleotídeos apareceram exatamente há um bilhão e 400 milhões de anos e se integraram as primeiras proteínas.*

---

<sup>25</sup> BOFF – Ecologia, grito da Terra, grito dos pobres, p.59

*A explosão biológica do período cambriano, descrita por J. Stephen Gould em seu livro Burgen Shale, deu-se há 600 milhões de anos. Foi nessa época que se desenvolveram os primeiros seres unicelulares. E foi rapidíssimo, durou uns dois ou três milhões de anos, e logo o meio ambiente limitou a expansão desses seres. Os dinossauros têm apenas 65 milhões de anos e o ser humano 2 milhões de anos. Se colocarmos numa reta esses números, que vão de 4 bilhões até hoje, os dois milhões de anos do ser humano estarão bem no finzinho (0,05% do total).<sup>26</sup>*

Com isso, a vida humana, segundo os cientistas, estaria localizada no último segundo se o tempo de vida em relação ao todo fosse colocado e comparado numa reta equivalente a 24 horas.<sup>27</sup> Este último segundo (2 milhões de anos) teve várias fases, como vimos no capítulo anterior e resumiremos a seguir.

1<sup>a</sup> fase- Paleolítico – despertar da animalidade para a humanidade, cria-se a cultura, fica-se em postura ereta e forma-se a linguagem. (3/4 de nossa história)

2<sup>a</sup> fase- Mesolítico – A sociedade da caça, época glaciária. Os humanos desenvolveram sua força e iniciaram o cultivo, alimentando-se de animais além dos frutos. (450 mil anos)

---

<sup>26</sup> MURARO – Textos da fogueira, p.23

<sup>27</sup> ibdi . p.24

3ª fase- Neolítico – Época do machado e da pedra polida, da domesticação dos animais, do abandono do nomadismo, invenção do arado. Surgem os primeiros clãs, cidades estados e impérios da antigüidade. Ascensão do patriarcado e do período agrário. (8 mil anos).

4ª fase- Revolução Industrial – Invenção das máquinas a vapor, origem das fabricas e do operariado. (200 anos)

5ª fase- Revolução Pós Industrial – Era dos computadores, da informática, cibernética, robótica. (50anos).

Como percebemos, vivemos numa equação exponencial. Isso significa que neste início de milênio temos a mais rápida e explosiva fase de

aceleração histórica, que, segundo Muraro<sup>28</sup>, são as vivências mais intensas e mais relevantes que todo o resto da história junto.

A rapidez das transformações e do avanço de conhecimento é impactante com a globalização, sendo necessário modificarmos condutas e paradigmas, pois o ritmo de vida está cada vez mais frenético e as ondas evolutivas continuam cada vez mais aceleradas.

## **2.2. Um foco na concepção de natureza**

A concepção de natureza que predomina em nossa sociedade se define por oposição à cultura. A cultura é tida como algo superior que controla e domina a natureza. Com isso, a revolução neolítica, a agricultura, foi um

---

<sup>28</sup> Ibd. P24

marco histórico, visto que os seres humanos passaram a controlar a natureza através do cultivo e do plantio e se tornaram sedentários. Com a agricultura alguns povos se estabilizaram em territórios fixos. Como vimos no capítulo anterior, iniciaram-se as civilizações, o Estado, as leis. Com essa realidade, o homem apropriou-se da natureza, conquistou povos e territórios e veio o poder de dominação.

Carlos W. P. Gonçalves, em seu livro “Os (des)caminhos do meio Ambiente”<sup>29</sup>, diz que a natureza, em nossa sociedade, transformou-se em um objeto a ser dominado pelo ser humano e passou a ser propriedade privada de alguns poucos. A visão tradicional diz que a natureza é objeto e o homem é o sujeito, separando o humano da natureza.

A matriz filosófica desse pensamento dicotomizado se encontra na Grécia e Roma clássica e é dominante no mundo ocidental. A oposição homem e natureza constitui uma forma de pensar da época moderna e contemporânea. Mas já houve uma época que o modo de pensar foi totalmente diferente, por exemplo na chamada Era Pré-Socrática.

Mais uma vez buscaremos a gênese mitológica para compreendermos a concepção de natureza que não se contrapunha ao homem em seus diversos aspectos (corpo, mente e espírito). Os deuses e deusas gregas não

---

<sup>29</sup> Gonçalves – Os Des(caminhos) do Meio Ambiente, p.28

eram entidades sobrenaturais, pelo contrário, eram partes integrantes da natureza. Quem afirma isso é o filósofo Gerd Bornheim<sup>30</sup> :

*“(...) Esta presença dos deuses transparece na frase atribuída a Tales de Mileto: “Tudo está cheio de deuses! (...) Tudo está cheio de misteriosas forças vivas; a distinção entre natureza animada e inanimada não tem fundamento algum; tudo tem alma. (...) Veja-se, como exemplo o fragmento 67 de Heráclito: Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome.”*

Dessa forma as Deusas e Deuses representavam aspectos da própria natureza (mar, terra, céu, trovão, relâmpago, sol aurora, lua etc.).

Com Platão e Aristóteles é que se começa a perceber um desprezo pela natureza, o privilégio do homem e a supremacia da idéia. A natureza começou a ser desumanizada e os pensadores anteriores desqualificados como míticos e não filósofos.

Mas foi sobretudo com a visão judaico-cristã que a oposição homem/natureza e espírito/matéria obteve uma ampla dimensão. Com a afirmação de que Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, o homem foi imbuído de um privilégio que o diferenciou dos demais seres, inclusive das mulheres.

---

<sup>30</sup> IN: Gonçalves – Os Des(caminhos) do Meio Ambiente, p.29



Com o cristianismo, afirma Gonçalves,<sup>31</sup> “Deus sobe aos céus e, de fora, passa a agir sobre o mundo imperfeito do dia-a-dia dos mortais(...). Enfim, com o cristianismo os Deuses já não habitam mais esse mundo, como na concepção dos Pré-Socráticos”.

A assimilação do pensamento de Aristóteles e Platão levou o cristianismo, na Idade Média, a aprofundar a separação entre matéria e espírito, corpo e alma. Com isso criou-se a base para o método experimental da ciência moderna, que teve um grande impulso com a dissecação de cadáveres, apesar dessa época ser chamada de Idade das Trevas e do obscurantismo, por tudo o que ocorreu nesse período histórico<sup>32</sup>.

Com René Descartes, a oposição homem – natureza, sujeito – objeto, espírito – matéria ganha centralidade e torna-se fundamentada em uma nova epistemologia, baseada apenas na racionalidade.

Foi nessa época também que se fincaram as bases do sistema capitalista moderno. Como já explicitamos no capítulo anterior, a caça às bruxas foi fundamental para que ocorresse todas essas transformações e condições para emergir os novos padrões racionais que viriam a dar origem à Revolução Industrial. No século XVI, com a expansão imperialista européia, começou a ser forjada a máquina mercantilista e industrialista.

---

<sup>31</sup> Ibdí – p.32

<sup>32</sup> Ibdí, p.32

Gonçalves<sup>33</sup> ressalta dois aspectos da filosofia cartesiana que vão marcar profundamente a modernidade:

*“Primeiro, o pragmatismo utilitarista que vê a natureza como um recurso, um meio para atingir um fim, e segundo o antropocentrismo, que vê o homem como o centro do mundo em oposição à natureza.”*

Leonardo Boff<sup>34</sup>, ao falar do paradigma do poder dominação dessas bases filosóficas, destaca o pensamento de Descartes afirmando que o ser humano deveria ser o mestre e o dono da natureza; e Francis Bacon, o pai do método científico, que via o laboratório como uma câmara de torturas do inquisidor, devendo-se forçar, coagir, torturar a natureza, até que ela entregue todos os seus segredos”.

Nessa época houve uma radicalização do antropocentrismo – o ser humano é o senhor e o possuidor de tudo, dominando totalmente a natureza.

Reafirma-se o patriarcado, pois foi o homem varão que implantou o projeto de dominação, marginalizando e explorando a mulher, identificando-a com a natureza e submetendo-a a seu julgo.

Todo esse pensamento antropocêntrico, pragmático, utilitarista não pode ser visto desvinculado do mercantilismo e do colonialismo, que dava ao homem a possibilidade de ser o possuidor de todo o mundo. Com a

---

<sup>33</sup> Ibd. p.33

expansão mercantil e da burguesia, a acumulação de riquezas passa a depender da técnica. Com isso a filosofia cartesiana encontra um campo fértil para germinar e o antropocentrismo se consagra. Agora a natureza está completamente dessacralizada, pois não mais tem alma, já não é povoada por Deuses e Deusas, pode ser objeto, pode ser retalhada, dividida, esmagada, tal como o corpo já o tinha sido na Idade Média. A filosofia renascentista foi substituída pelo iluminismo, a metafísica criticada pela física concreta e palpável. Agora para compreender o mundo fazia-se necessário partir do próprio mundo e não de dogmas religiosos ou metafísicos.

O século XIX foi o século do triunfo do capitalismo industrial com o pragmatismo, a ciência e a técnica adquirindo importância-chave na vida humana. A natureza cada vez mais objeto, agora subdividida em áreas: física, química, biologia; e o sujeito (homem), em economia, sociologia, antropologia, história etc.

Efetuaram-se progressos gigantescos nos conhecimentos durante o século XX, porém esses progressos estão dispersos, fragmentados em virtude das especializações que recortaram o conhecimento, as ciências entre humanas e naturais, e estas subdividiram-se e fecharam-se em si mesmas.

---

<sup>34</sup> BOFF – A Voz do Arco Íris, p. 98

Como vimos, o ser humano foi separado da natureza, o sujeito do objeto e o paradigma dominante é atomístico-individualista. Esse dualismo constitui a base da ciência moderna.

Galileu Galilei, Copérnico e Newton fundamentados na matemática, na física e na astronomia heliocêntrica, forneceram uma visão de mundo que imperou até o surgimento da física quântica e da nova biologia. O universo, nessa perspectiva, tem características materialista e mecânica; linear e determinista; dualista e reducionista; compartimentalizada e atomística.

O universo é visto como uma máquina com leis determinadas para todos os fenômenos. Essa lógica linear reduz a capacidade do ser humano somente ao enfoque científico da causa – efeito. Ver os sistemas compostos por átomos indivisíveis e inertes e os efeitos dessa visão reducionista deixou-nos um legado de violência sobre a natureza, sobre os países; dos fortes sobre os fracos, de homens sobre mulheres, de brancos sobre negros etc.

E está ameaçando o equilíbrio físico-químico do planeta, destruindo e gerando má qualidade de vida para a maioria da população e para toda a biosfera.

Com o avanço tecnológico, avançaram as forças produtivas e também as destrutivas, ampliando a morte. A tecnologia como um todo segue a mesma curva das fases da história e foi ela o critério usado para defini-las.

É importante lembrar que 90% de todas as invenções da espécie humana foram feitas no último século. E assim como o avanço científico dobra exponencialmente, suas conseqüências também dobram em um padrão de desenvolvimento insustentável.

Se não tomarmos medidas concretas, dizem os ecologistas, e não mudarmos os parâmetros desse paradigma civilizacional, com o seu modelo predatório de desenvolvimento, em 50 anos chegaremos ao ponto de “não retorno”.

### **2.3. A consciência da crise ou a crise de consciência?**

A consciência da destruição começa a existir nos anos 50 e cresce nos anos 60 e 70, mas fica mais nítida nos anos 80. Nas últimas duas décadas o problema veio à tona de forma mais ampla com alguns dados <sup>35</sup> sobre a nossa situação no planeta e como nos encontramos neste início de milênio. A partir desses dados poderemos ponderar sobre o desenvolvimento herdado e os desafios que precisamos enfrentar:

- ? 5,77 bilhões de pessoas habitam a Terra;
- ? 1,15 bilhão vivem no hemisfério Norte, nos países industrializados;
- ? 4,62 bilhões vivem no hemisfério Sul, nos países pobres e periféricos;
- ? 1,6 bilhão de pessoas estão em situação pior do que há 15 anos;
- ? 1,44 bilhão de pessoas vivem abaixo do nível de pobreza, quer dizer, 25% da população total;

- ? 1 bilhão de pessoas são analfabetas, das quais 600 milhões são mulheres;
- ? 1 bilhão de pessoas sobrevivem sem água potável;
- ? 800 milhões sofrem de desnutrição crônica;
- ? 500 milhões de mulheres de todo o mundo vivem na miséria;
- ? 200 milhões de crianças menores de 5 anos são desnutridas;
- ? 11 milhões de crianças morrem anualmente de desnutrição;
- ? as posses de 349 multimilionários de todo o mundo são maiores que a renda atual de 45% da população mundial, ou seja, 349 pessoas recebem mais que 2,59 bilhões de pessoas;
- ? em 1998, a receita de 18 países da América Latina foi inferior a que tinham há 10 anos (...);

O que nos levou a essa situação? A humanidade aumentou sua capacidade de intervir na natureza para satisfazer suas necessidades e desejos e com isso aumentou também os conflitos e a pobreza, como nos mostram os dados.

Leonardo Boff <sup>36</sup> diz em seu maravilhoso livro “Ecologia – Grito da Terra – Grito dos Pobres”, que a Terra está doente e sua primeira doença é a pobreza. Esse quadro de pobreza e exclusão mostra o reflexo de várias crises: econômica, social, educacional, moral, ecológica e espiritual, mas

---

<sup>35</sup> Esses dados foram divulgados pela UNICEF e estão no livro “Pedagogia da Terra”- GADOTTI, p156.

<sup>36</sup> BOFF – Ecologia - Grito da Terra - Grito dos Pobres”, p.15

todas elas estão no cerne de uma questão fundamental – o tipo de civilização que vivemos.

A segunda doença da Terra é a grave ameaça de suas espécies de vida, como nos mostra o quadro abaixo:

- ? entre os anos de 1500 à 1850 uma espécie de vida foi eliminada a cada 10 anos;
- ? de 1850 a 1990 uma espécie desaparece por ano;
- ? e a partir de 1990... uma espécie por dia<sup>37</sup>

Vivemos claramente um grande desequilíbrio subdividido em vários aspectos: desequilíbrio entre o Norte e o Sul do planeta; entre os ricos e pobres no seio de cada sociedade; entre os seres humanos e a natureza<sup>38</sup>.

Landislau Dowber, ao prefaciar o livro “À sombra de uma mangueira”<sup>39</sup> de Paulo Freire nos sensibiliza quando diz que:

*“ (...) Enquanto aumenta o volume de brinquedos tecnológicos, nas lojas, escasseiam o rio limpo para nadar ou pescar, o quintal com suas árvores, o ar limpo, a água limpa, a rua para brincar ou passear, a fruta comida sem medo de química, o tempo disponível, os espaços de socialização informal. O capitalismo tem*

---

<sup>37</sup> Ibdí, p.15

<sup>38</sup> Essa reflexão foi feita pela O.N.G. Aliança por um mundo responsável e solidário que surgiu em 1986 na Suíça.

<sup>39</sup> IN: FREIRE – À sombra de uma mangueira, 1995,p.12-3

*necessidades de substituir felicidades gratuitas por felicidades vendidas e compradas.”*

Com isso arriscamos afirmar que o avanço tecnológico está destruindo os sistemas ecológicos e a natureza de que depende a nossa existência. A humanidade ameaçada assiste impotente a tudo isso subordinando sua vida a um tipo de ideologia e desenvolvimento dominante. Torna-se cada vez maior a probabilidade de extinção global da vida na Terra.

A frase atribuída a Gandhi - “a Terra é suficiente para todos, mas não para a voracidade dos consumistas”<sup>40</sup> é visivelmente real. Hoje presenciamos: desertificação – a cada ano terras férteis equivalente a superfície do estado do Rio de Janeiro ficam desertas. D

Desflorestamento – 42% das florestas tropicais já foram destruídas, o aquecimento da Terra e as chuvas ácidas podem dizimar a floresta mais importante, a Boreal (6 bilhões de hectares); superpopulação – em 1990 éramos 5,2 bilhões de pessoas com o crescimento de 3 a 4% ao ano, fora os conflitos generalizados por conta da desigualdade social. Esse diagnóstico mostra um contexto dramático da condição humana e terrena na era da planetaridade. Fritjof Capra, no seu extraordinário livro “O ponto de Mutação”<sup>41</sup> nos remete às profundezas desta crise mundial que se agravou

---

<sup>40</sup> IN: BOFF – Ecologia – Grito da Terra, Grito dos pobres, p.11

<sup>41</sup> CAPRA – O ponto de mutação, p.19



nas últimas décadas do século XX e que nos impacta de modo contundente.

Diz que:

*“É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida; a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e de toda a vida no planeta.”*

Nos últimos séculos, como vimos no item anterior, um modo de civilização se afirmou e com ele veio a industrialização, com sua forma de organização do trabalho de produção e de consumo. A tecnologia evoluiu vertiginosamente e com ela seus efeitos e conseqüências.

Um deles é a exploração da natureza e a degradação do meio onde o homem está inserido. Não há como negar que essa concepção de desenvolvimento coloca em xeque o consumismo, em que tudo é descartável, inclusive o ser humano.

Edgar Morin<sup>42</sup>, ao escrever sobre a era planetária, diz que a partir de 1492 as nações européias que se lançam à conquista do globo engendram a era planetária, por meio da aventura, guerra e mortes e dominam o resto do mundo pela violência, pela destruição, pela escravidão e pela exploração

feroz das Américas e da África. Fala ainda que o progresso econômico, o desenvolvimento das comunicações, a inclusão dos continentes subjugados no mercado determinaram formidáveis movimento de populações e ampliaram o crescimento demográfico generalizado.

Sobre a planetarização, Morin<sup>43</sup> afirma:

*“provoca, no século XX, duas guerras mundiais, duas grandes crises econômicas mundiais e, após 1989, a generalização da economia liberal denominada de mundialização. A economia mundial é cada vez mais um todo interdependente: cada uma das partes tornou-se dependente do todo e, reciprocamente, o todo sofre as perturbações e imprevistos que afetam as partes. O planeta encolhe. (...) E, principalmente, tudo está instantaneamente presente, de um ponto do planeta ao outro pelos meios de comunicação.”*

A mundialização é realmente unificadora e até nos assusta por sua velocidade, mas é também muito conflituosa, pois ao mesmo tempo que une divide tudo. O desenvolvimento, concebido de modo unicamente técnico e econômico, é insustentável e mostrou que apesar de todo o avanço tecnológico a herança é o crescimento do poderio bélico, da morte. Basta lembrar a barbárie especificamente moderna das guerras mundiais, os

---

<sup>42</sup> MORIN – Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, p.67

<sup>43</sup> Ibd, p.67

massacres, o fanatismo, os homicídios e extermínios em massa graças às tecnologias científicas de ponta.

Michael Lowy, em seu livro “ Marxismo, Modernidade e Utopia”,<sup>44</sup> escreve que: “ Os quatro massacres que encarnam de maneira mais acabada a modernidade da barbárie são o genocídio nazista contra os judeus e os ciganos, a bomba atômica em Hiroshima, o goulag stalinista e a guerra norte americana no Vietnã, pois contêm praticamente todos os ingredientes da barbárie técnico-burocrata moderna”.

Levar em conta o legado da barbárie e herança de morte, através do crescimento e poderio das armas nucleares, é ver que elas trazem a possibilidade de extinção de toda a humanidade. Isso sem falar da morte ecológica com a dominação desenfreada da natureza pela técnica.

Contudo, isso não quer dizer que o progresso técnico e científico é necessariamente mal, tampouco o inverso. Simplesmente esse legado nos faz pensar que aquilo que traz perigo traz também a esperança – a própria consciência humana. E é por isso que a mudança de paradigma tornou-se vital.

As críticas a este modelo de desenvolvimento, em que o progresso é visto como ilimitado e por isso insustentável começou, como já colocamos anteriormente, nos anos 60 com o teórico Herbert Marcuse (1964) denunciando a incompatibilidade entre a lógica capitalista e a ecologia.

---

<sup>44</sup> LOWY – Marxismo. Modernidade e Utopia, p.50

Nessa época ele já alertava que a principal contradição está no modelo de desenvolvimento ilimitado num planeta de recursos limitados.

Em 1968 os dilemas e as perspectivas do futuro foram discutidas e ganharam expressão com um relatório publicado em 1972 por um grupo de 30 pessoas de 10 países – cientistas, educadores, economistas, industriais e funcionários públicos de nível nacional e internacional que se reuniram em Roma. Por isso foram chamados de “Clube de Roma”. Esse relatório, intitulado “Limites do Crescimento” foi um marco importante para esse alerta sobre a situação drástica do planeta e para a compreensão de que os recursos têm limites e o crescimento indefinido para o futuro é impossível.

Além desse relatório, um outro evento é considerado um divisor de águas no despertar da consciência ecológica que também aconteceu em 1972, foi a conferência de Estocolmo-ONU e marcou pela mesma preocupação com o crescimento econômico.

Em 1992 a ONU realizou outra conferência mundial no Rio de Janeiro sobre o meio ambiente e desenvolvimento. Esse evento mobilizou organizações da sociedade civil, ONGs, e movimentos sociais que promoveram um fórum global paralelo e neste fórum aprovaram a Carta da Terra, lançando em uma campanha: “Nós somos a Terra”. Moacir Gadotti<sup>45</sup> mostra que essa campanha teve uma dimensão enorme, pois foi assumida

---

<sup>45</sup> GADOTTI – Pedagogia da Terra, p.106-07-08-09

por 1300 entidades com atuação em 108 países e foi concebida como um código de ética global por um desenvolvimento sustentável.

A Carta da Terra é uma declaração de princípios globais que deverão orientar a questão do meio ambiente e do desenvolvimento e pretende ter a dimensão que teve a declaração dos Direitos Humanos assinada em 1948 pelas nações unidas. Ela será proclamada pela ONU nos primeiros anos do século XXI.

A conferência mundial foi chamada de Eco-92 e reuniu a cúpula da Terra para tratar temas como: arsenal nuclear, desarmamento, guerra, desertificação, criança, chuva ácida, crescimento populacional, povos indígenas, mulheres, fome, drogas, refugiados, concentração de produção e tecnologia, tortura, desaparecidos, discriminação e racismo.

A conferência elaborou um documento chamado de Agenda 21 e nele constam tratados com detalhado programa de ação nas diversas áreas relacionadas ao meio ambiente e à economia. Foi aprovado e assinado por 175 nações.

Segundo Gadotti<sup>46</sup>:

*“ela representa a base para a despoluição do planeta e o desenvolvimento sustentável (...) É um documento político, pois se transformou em instrumento de referência e mobilização para mudança do modelo de desenvolvimento”. Porém*

---

<sup>46</sup> Ibd, p.110-11-12

*afirma que “na prática, na forma como ela vem sendo trabalhada desvaloriza toda a educação e a educação ambiental em particular. Por isso, entende-se que a Agenda 21 vem ignorando os princípios da Carta da Terra.”<sup>47</sup> Continua dizendo que “uma das causas do fracasso da agenda 21 está na sua despolitização e seus princípios muito genéricos e evitam a questão política e econômica levando-a à inação e qualquer um assina pois ela não compromete.”*

Após 5 anos, um novo fórum (Rio + 5) foi convocado para avaliar os resultados concretos após a assinatura do documento e concluíram que muito pouco foi feito e que seriam necessárias ações mais práticas, para além dos grandes tratados e princípios. Hoje existe uma crítica ao termo desenvolvimento sustentável, pois esse conceito não é neutro e Gadotti pergunta: “Como pode existir um crescimento sustentável numa sociedade insustentável onde a economia é regida pelo lucro, pela acumulação ilimitada, pela exploração do trabalho?” e afirma que “não há desenvolvimento sustentável sem uma sociedade sustentável<sup>48</sup>.”

Leonardo Boff<sup>49</sup> é contundente nessa crítica. Para ele, justiça ecológica vem junto com justiça social e afirma categoricamente que não é possível novas relações entre humanidade e natureza dentro dos limites do

---

<sup>47</sup> Ibd, p.61

<sup>48</sup> Ibd, p.62

<sup>49</sup> BOFF – Ecologia – Grito da Terra, Grito dos Pobres, p 26

paradigma vigente. Afirma que a crise atual é a crise da civilização hegemônica. É uma crise civilizatória.

*“O sonho de crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de 2/3 da humanidade, a volúpia de utilização optimal dos recursos da Terra levou à exaustão dos sistemas vitais e à desintegração do equilíbrio ambiental (...)*

*A questão que se coloca então é esta: é possível manter a lógica de acumulação, de crescimento ilimitado e linear e ao mesmo tempo evitar a quebra dos sistemas ecológicos, a frustração de seu futuro pelo desaparecimento das espécies a depredação dos recursos naturais sobre os quais as gerações futuras também têm direito? Não há um antagonismo entre nosso paradigma hegemônico de existência e a preservação da integridade da comunidade terrena e cósmica?”<sup>50</sup>*

A realidade tem nos mostrado que não é possível continuarmos na mesma lógica e padrão de desenvolvimento. Só uma nova sociedade que supere o patriarcado será capaz de responder aos grandes desafios enfrentados pela humanidade hoje. É, portanto, urgente, vital e necessário o resgate do princípio feminino.

## CAPÍTULO III

### **O RESGATE DO FEMININO E A SUSTENTABILIDADE DA VIDA**

Quando pensamos que a grande tarefa civilizatória, o resgate do feminino, é urgente e vital nos dias atuais, partimos do pressuposto que há uma crise generalizada do paradigma dominante, homogeneizado pela visão masculina do mundo. O antropocentrismo fez com que ocorresse uma inflação do masculino e uma dominação do poder do homem de uma forma patológica revelando um androcentrismo baseado na violência sobre a natureza, sobre as classes, sobre os fracos e sobre as mulheres. Esse paradigma desenvolveu um profundo desequilíbrio no planeta.

O tipo de ciência e desenvolvimento que temos hoje são produtos do patriarcado; e tanto um como o outro excluem e fragmentam a natureza e a mulher. Ele influencia nossas idéias básicas sobre as relações humanas, sociais, políticas e ecológicas.

A introdução do princípio feminino, segundo Leonardo Boff, “representa um desafio ao paradigma machista, cujo desenvolvimento e prática tecno –científica implicou no domínio e a marginalização da mulher e da natureza hoje considerados supérfluos”<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Ibd, p.26-7

<sup>51</sup> BOFF – A Voz do Arco Íris, p.107.



Infelizmente essa relação íntima da mulher com a natureza, levou na maioria das vezes, à consideração de que a natureza, assim como a mulher são exploráveis.

### 3.1. O tao dos princípios...

É importante ressaltar que quando falamos de “feminino” e “masculino” estamos falando de princípios e não de categorias sexuais, biológicas. O feminino não se refere à anatomia. No nível biológico, mulheres são fêmeas e homens são machos.

Para Mônica Von Koss, esses conceitos de masculino e feminino são muito carregados de conotações e por isso precisam passar por uma profunda revisão, para que se possa reformular a compreensão sobre nós mesmos.

*“Uma mudança profunda nos pensamentos, percepção e valores que constituem nossa visão de realidade deve incluir uma revisão desses conceitos, que até agora foram teorizados – em sistemas filosóficos, sociais, políticos, médicos – para servir de suporte para a hierarquia patriarcal. Psicológica, social e culturalmente, homens e mulheres estiveram, nos últimos 5 mil anos, imersos nas qualidades da polaridade masculina, influenciados pelos valores e princípios da racionalidade, da objetividade e do poder hierárquico.”*<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> KOSS – Feminino + Masculino, p.13-4

Para a autora, nada é totalmente masculino ou feminino e usa o símbolo da Tao para exemplificar o seu conceito de polaridade.

Capra, explica essa visão de realidade que é originada da filosofia chinesa, cuja essência primária chamaram de Tao.

*“A principal característica do Tao é a sua natureza cíclica de seu movimento incessante; a natureza em todos os seus aspectos – tanto do mundo físico quanto dos domínios psicológicos e sociais – exhibe padrões cíclicos. Os chineses atribuem a essa idéia uma estrutura definida, mediante a introdução dos aspectos – yin e yang”<sup>53</sup>.*

O autor ressalta que para nós ocidentais esse conceito é de difícil compreensão pois não é usado em nossa cultura na sua concepção de origem e quase sempre revela preconceitos culturais, distorcendo seriamente o seu real significado na qual essas polaridades pertencem a um todo indissociável. Nada é apenas yin ou yang, mas todos os fenômenos naturais são manifestações da contínua oscilação entre os dois pólos na busca do equilíbrio dinâmico. O que é bom não é yang ou yin, mas o equilíbrio; o que é mau é o inverso, o desequilíbrio, e nossa personalidade resulta dessa interação entre os elementos masculinos e femininos.

---

<sup>53</sup> CAPRA – O ponto de Mutação, p. 33 e 32

Capra diz que:

*“(...)Essa concepção de natureza humana está em contraste flagrante com a nossa cultura patriarcal, que estabeleceu uma ordem rígida em que se supõe que todos os homens são masculinos e que todas as mulheres são femininas, e distorceu o significado desses termos ao conferir aos homens papel de protagonistas e a maioria dos privilégios da sociedade. Em virtude dessa predisposição patriarcal, a freqüente associação do yin com a passividade e a do yang com a atividade é particularmente perigosa. Em nossa cultura as mulheres tem sido tradicionalmente tratadas como passivas e receptivas, e os homens como ativos e criativos. Essas imagens remontam à teoria de Aristóteles, e têm sido usadas ao longo dos séculos como explicação “científica” para manter as mulheres num papel subordinado, em relação aos homens. A associação do yin com a passividade e a do yang com a atividade parece ser ainda uma outra expressão de estereótipos patriarcais, uma moderna interpretação ocidental que está longe de refletir o significado original dos termos chineses.<sup>54</sup>”*

Quando usamos essas categorias – Feminino e Masculino e suas qualidades, a primeira reação é realmente a de fazer a associação imediata com a questão biológica, sexual.

A mulher como passiva, frágil; e o homem como ativo, forte. Quando algo é tido como forte é ligado ao homem ou ao “masculino na mulher” e do mesmo modo quando algo expressa sensibilidade associamos à mulher ou ao feminino desenvolvido no homem. O Feminino não está reservado apenas para as fêmeas. É extremamente difícil escrever, falar sobre o Feminino sem que haja uma vinculação ao significado de gênero. A vinculação parece ser feita instantaneamente, ou melhor, instintivamente. O Masculino também é diferente do poder patriarcal, que controla e molda a natureza a todo custo. Este também sofre em consequência do desequilíbrio em virtude da perda do Feminino. Parece impossível o entendimento dessa questão, não vislumbramos a capacidade de homens sensíveis ou mulheres fortes. Não nos damos conta de que todos, homens e mulheres, somos fortes, sensíveis, criativos, rimos, choramos, pensamos e sentimos.

Precisamos de fato nos libertar das nossas pré-concepções, dos nossos pré-conceitos sobre a limitação do Feminino ao círculo de influência dos aspectos: alimentação, passividade, receptividade. Restringi-lo a essa noção é negá-lo a esfera da positividade, da criatividade, da ousadia, agressividade, entre outros. Reavaliar e superar essa definição poderá ser o caminho da cura da ferida do patriarcado.

---

<sup>54</sup> Ibdi, p. 34

Esses papéis sociais estão muito estereotipados e fragmentados em nossa cultura, cujo pensamento racional é linear, concentrado e analítico. O racional e o intuitivo estão separados na mente humana.

As imagens originais associadas a yin e yang foram associadas aos dois pólos arquetípicos, sendo yin a atividade receptiva, consolidadora, cooperativa e o yang a atividade agressiva, expansiva e competitiva.

Para Capra:

*“A ação yin tem consciência do meio ambiente e a ação yang está consciente do eu. Em terminologia moderna poderíamos chamar a primeira de “eco-ação” e a segunda de ‘ego-ação’(...) Daí ser evidente que o conhecimento racional é suscetível de gerar atividade egocêntrica ou yang, ao passo que a sabedoria intuitiva constitui a base da atividade ecológica ou yin.<sup>55</sup>”*

Uma lista de opostos pode ser feita para mostrarmos como o nosso sistema de sociedade patriarcal tem privilegiado um aspecto em detrimento do outro. Vimos que o predomínio da lógica racionalista acarretou um profundo desequilíbrio cultural e gerou uma crise sem precedentes.

As associações entre yin e yang são:

YIN – Feminino, contrátil, conservador, receptivo, cooperativo, intuitivo,  
sintético;

---

<sup>55</sup> Ibd, p.35

YANG – Masculino, expansivo, exigente, agressivo, competitivo, racional e analítico.

Capra mostra como os efeitos dessa divisão são sentidos em nossa cultura:

*“Na medida em que dividimos mente e corpo e que nos retiramos para nossas mentes, ‘esquecemos’ como pensar com os nossos corpos, de que modo usá-los como agentes do conhecimento. Assim fazendo, também nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com sua rica variedade de organismos vivos.”<sup>56</sup>”*

### **3.2. A Terra está doente. Será que tem cura?**

A teoria yin/yang tem uma visão sistêmica que adota um ponto de vista ecológico e levanta a questão do todo, da harmonia, da saúde e do equilíbrio mas ao mesmo tempo traz a questão de todo desequilíbrio psico-espiritual da nossa cultura, da profunda desarmonia entre as forças vitais masculinas e femininas em cada um de nós, e da doença.

Os psicanalistas junguianos, Jennifer e Roger Woolger, referindo-se aos arquétipos das Deusas gregas, relatam que: “Jung certa vez descreveu o indivíduo neurótico como unilateral, querendo exemplificar alguém que enfatiza excessivamente um lado de sua personalidade a fim de evitar seu

---

<sup>56</sup> Ibdi, p. 37

outro lado, menos agradável. O que é verdade para um indivíduo neurótico também vale para uma sociedade como um todo.<sup>57</sup>”

Nesse ponto acreditamos que há convergência entre o raciocínio arquetípico e o resgate do Feminino. Esses pensamentos se unificam na visão de que nossa cultura está doente, haja vista a violência, os sem-terra, sem-teto, os mendigos, as crianças abandonadas, o perigo dos arsenais nucleares, as doenças fatais, a poluição global etc. Está doente porque está em desarmonia, desequilíbrio e só o princípio feminino é sanador, pois traz em si o sentido profundo da Terra e de seus ciclos.

O mal do patriarcado é o que os junguianos chamam de neurose – a unilateralidade pela qual a nossa civilização optou, exacerbando o arquétipo do Pai e excluindo o arquétipo da Mãe, menosprezando o Feminino. Com isso presenciamos graves danos à nossa saúde psíquica, individual e coletiva. Isso sem falar da saúde física do nosso corpo e da própria Terra.

O princípio feminino deve ganhar amplitude não apenas na mulher mas também no homem, pois ele representa, como vimos, o princípio de vida, de saúde, de criatividade, de receptividade, de ternura, de espiritualidade, de sacralidade. Ele significa a possibilidade de libertação dos homens e especialmente das mulheres, pois seu resgate pode propiciar uma nova inteireza e o desenvolvimento de ambas as polaridades na

---

<sup>57</sup> WOOLGER – A Deusa Interior. p.20

consciência humana. Aí, sim, poderemos ter um sistema social de parceria, em que o poder do cálice e da espada andem juntos como iguais, acolhendo e respeitando a diversidade sem discriminação de gênero, mas expressando qualidades diversas que contribuam para a vida como um todo. Revalorizar a polaridade feminina, o poder do cálice, o yin, o arquétipo da Mãe ou qualquer outro nome que se dê a esse princípio é recuperar o valor da sustentabilidade da vida e alcançar o equilíbrio. Só assim poderemos transcender a essa dualidade.

O movimento feminista tem dado uma enorme contribuição para essa nova visão de mundo. Segundo Capra: “O movimento feminista é uma das mais fortes correntes culturais do nosso tempo, e terá um profundo efeito sobre a nossa evolução.”<sup>58</sup>”

Ao expor as feridas de um mundo machista, construído sobre uma visão masculina da natureza e da sociedade industrial-tecnológica constituiu-se uma luz no fim do túnel. Um novo paradigma só será vitorioso e uma nova sociedade só será construída com o resgate da visão feminina de mundo. A superação do trabalho alienado, da razão opressora, do desenvolvimento econômico destrutivo de vidas humanas e do meio ambiente, da biotecnologia, da falta de ética e do mito do progresso ilimitado virá com um novo modelo de saber, com o resgate do corpo como

---

<sup>58</sup> Ibd-p.27



fonte de prazer e também com uma relação harmônica entre todos os seres vivos e a natureza.

As características desse novo paradigma são complexas, e Leonardo Boff o define como tendo:

*“caráter holístico, sistêmico, inclusivo, panrelacional e espiritual. Entende o universo não como uma cisão ou justaposição de coisas e objetos, mas como uma rede de relações entre todas as coisas, inter-retro-conectando tudo com tudo, em todas as direções, gerando uma imensa interdependência cósmica.”<sup>59</sup>*

Com isso a visão de natureza e cultura muda. O nosso planeta, continua Boff,

*“ não é mais visto como um conglomerado de matéria inerte (continentes) e água (oceanos), mas como um superorganismo vivo, articulando todos os elementos, as rochas, a atmosfera, os seres vivos e a consciência num todo orgânico dinâmico, irradiante e cheio de propósitos, parte de um todo ainda maior que nos inclui: o universo em cosmogênese e em expansão.”<sup>60</sup>*

Nessa crise de paradigmas, para que essa nova visão seja hegemônica é preciso uma mudança de pensamento e ação, de coração e mente. É preciso a integração dos princípios feminino e masculino, e essa integração

---

<sup>59</sup> Ibd- p. 101

<sup>60</sup> Ibd- p. 102

só ocorrerá com a inclusão do feminino, que forçará a cultura masculina a questionar os seus fundamentos baseados no poder dominação e não no poder cooperação.

Boff fala do princípio feminino como:

*“sanador e libertador; pois se move num outro paradigma e opera numa outra lógica. Seu paradigma básico é a vida, e não o poder; o respeito e a veneração pela vida, e não a agressão e a dominação. (...). Ora, o feminino consiste na capacidade de viver o complexo, de elaborar sínteses, de cultivar o encantamento do universo, de cuidar da vida, de venerar o mistério do mundo, de elaborar o desenvolvimento com a natureza e não contra ela. (...)”<sup>61</sup>*

Com tudo isso arrisco afirmar que o resgate do feminino é o único caminho para a humanidade. Só ele seria capaz de gerar uma convivência pacífica entre os povos, entre os sexos, entre as raças, por ser naturalmente inclusivo. Só ele poderia de fato gerar uma sociedade sustentável e saudável. A sustentabilidade da vida pressupõe uma cultura ética de convivência. O novo paradigma fundamenta-se mais no processo que nos produtos. Segundo Francisco Gutierrez,

*“precisamos, mais do que perseguir objetivos (econômicos), mas viver processos que favoreçam a flexibilidade, a abertura, o frescor e o contato*

---

<sup>61</sup> Ibdí- p. 107

*sensível, profundo e limpo com os seres e as coisas. É necessário um outro modo de vida e uma sociedade sustentável para todos. Uma sociedade sustentável que não seja resultado das leis de mercado, mas das mudanças de valores.”*<sup>62</sup>

A lógica da opressão, da desigualdade, da injustiça é a mesma lógica da discriminação sexual, que é a mesma que explora a natureza e acaba com seus recursos. A opção pelo resgate do feminino é a opção pela Terra. Essa opção tem exigências que devem ser trabalhadas no cotidiano, a partir de cada pessoa. A Educação emocional tem revelado excelentes ferramentas para o desenvolvimento de novas capacidades e competências que se irmanam com as sugeridas por Gutierrez:

- “ - *Sentir, intuir, vibrar emocionalmente;*
- *imaginar, inventar, criar e recriar;*
- *relacionar e inter-conectar-se, auto-organizar-se;*
- *informar-se, comunicar-se, expressar-se;*  
*localizar, processar e utilizar a imensa*  
*informação da aldeia global;*
- *buscar as causas e prever conseqüências;*
- *criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões;*
- *pensar em totalidade.”*<sup>63</sup>

Os cinco pilares básicos da Inteligência Emocional, auto-conhecimento, administração das emoções, auto-motivação, empatia e sociabilidade, estão em consonância com a construção de uma cultura da

---

<sup>62</sup> GUTIERREZ E PRADO – Ecopedagogia e Cidadania Planteária, 1999-p.76

<sup>63</sup> Ibd-p.65

sustentabilidade que ainda segundo Gutierrez “deve nos levar a saber selecionar o que é realmente sustentável em nossas vidas, em contato com a vida dos outros. Só assim seremos cúmplices dos processos de formação da vida. Criar vida é portanto criar a cultura da sustentabilidade”<sup>64</sup>. E eu acrescentaria, criar vida é também, e além de tudo isso, resgatar o princípio feminino.

O princípio Feminino exige o cuidado, e o cuidado exige ternura, carinho, afeto, renúncia e compaixão. Conforme Leonardo Boff, existem dois modos de ser no mundo: o trabalho, pelo qual modelamos e intervimos no mundo, e o cuidado, pelo qual nos sentimos responsáveis por ele. O autor afirma que o cuidado “serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade.”<sup>65</sup>

Esse novo paradigma de convivialidade nos trará uma nova forma de cidadania: a cidadania planetária. Essa cidadania virá pela via da emoção, do afeto e terá uma ligação profunda, ancestral e fundamental com a Terra. Essa é a veia da vida. E se estamos falando de vida, não existe cura, pois a vida não é uma doença, nem a morte uma punição. Mas existe um novo caminho que nos conduz a uma vida mais abundante e significativa. Esse caminho é o do resgate do feminino. Ele poderá devolver a importância à natureza e resgatar o sentido da Terra como Gaia, superorganismo vivo,

---

<sup>64</sup> Ibd- p.98

comunidade viva e ser o caminho para uma vida menos conflituosa, com mais chances de sermos felizes, ligados ao destino da Terra e de todo o universo.

---

<sup>65</sup> BOFF, 1999- p.13

## CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho retorno à mitologia por entendê-la como uma fonte de *insights* e revelação da condição humana de forma contundente. Os mitos retratam imagens coletivas e mostram algumas verdades básicas para todas as pessoas. Por isso devem ser observados com atenção.

As parábolas, lendas, histórias e mitos foram tradicionalmente usados para passar idéias e valores. São mapas e registros de outras sociedades e de outros períodos históricos que nos ajudam a navegar em águas subterrâneas turbulentas no aqui e agora.

Sabemos que as metáforas e as imagens simbólicas são recursos utilizados há milhares de anos pela humanidade para recompor a realidade.

Clarisse Estés, em seu genial trabalho “Mulheres Que Correm Com Lobos”, diz que “as histórias são bálsamos para a alma”.<sup>66</sup>

E Joson Elias, no livro “A casa da Lua”, escreve um forte argumento para subsidiar a opção em concluir este trabalho através de uma história mitológica:

*“Quando ouvimos histórias, o verdadeiro impacto pode não ser sentido durante dias pois histórias funcionam como cápsulas de ação gradual retardada em que a sabedoria vai se infiltrando em pequenas doses, dando-nos tempo para nos*

*ajustarmos e nos adaptarmos. Os ‘remédios’ histórias são fortes e de efeito muito duradouros.”<sup>67</sup>*

Segue então uma dose:

## **A HISTÓRIA<sup>68</sup>**

### *O RICO ERISÍCTON*

*Relembrando promessas e graças, guirlandas e faixas adornavam o velho tronco do carvalho, no bosque de Deméter (Ceres). À sombra das densas ramagens, peregrinos vindos de longe erguiam preces. Nem uma folha da antiga árvore era tocada, pois grande respeito tinham por ela os fiéis.*

*O rico Erisícton, porém, não se importava com as coisas divinas. E resolveu transformar em mobília o colosso vegetal. Assim, reunindo os instrumentos necessários, tomou o rumo do bosque sagrado.*

*As plantas do caminho pareciam avisá-lo. Os animais tinham o ar de reprová-lo. Mas o homem nada viu, disposto que estava a realizar seu propósito.*

*Ao vê-lo chegar, os devotos ergueram-se e abandonaram o lugar. Até o vento, de espanto, suspendeu o sopro quando o agudo machado se ergueu no ar.*

---

<sup>66</sup> .ESTÉS – Mulheres que correm com lobos, p.30

<sup>67</sup> .ELIAS – Na casa da Lua, p.40

<sup>68</sup> Esse mito foi retirado da revista MITOLOGIA, n° 9 da Abril Cultural

*Então Deméter surgiu à sua presença. Vinha disfarçada em mortal e, sem irritação alguma, pediu Erisícton que desistisse do intento. Explicou-lhe que Deméter ficaria raivosa, e certamente o puniria com justa violência.*

*Em resposta, o homem riu, e ainda ameaçou a mulher com seu machado. A deusa, diante de tão grande teimosia, afastou-se.*

*Ao primeiro golpe do machado, a velha árvore soltou um gemido doloroso. O sangue jorrou-lhe do tronco. As folhas e os frutos e a casca perderam a cor, embranquecidos na agonia. Em instantes, o sagrado carvalho morreu.*

*Não podia ficar tal crime sem castigo, pensou Deméter. E como era de sua atribuição propiciar aos homens abundância de alimento, resolveu condenar Erisícton à morte pela fome.*

*Entretanto, exatamente por ser a deusa das colheitas, não tinha esse poder. Só a fome era capaz de reavaliar sua sentença. Mandou, portanto, uma ninfa avistar-se com a terrível divindade e pedir-lhe que, em seu nome, punisse o infiel.*

*“Um lugar gelado, de solo desolado, terra estéril, sem colheita, sem árvore” – era o endereço da Fome.*

*Para lá se dirigiu a ninfa, transpondo velozmente os ares no carro alado de Deméter. De longe, avistou, num campo de pedras, a deusa horrenda e pálida, feixe de ossos entrechocando-se sob a pele macilenta.*



*Receosa de acercar-se, a alguns passos de distância a ninfa transmitiu-lhe a mensagem de Deméter.*

*Era noite. O homem que cortara o carvalho sagrado dormia profundamente. O vulto seco e lívido chegou sem ruído e aproximou-se do leito. Silenciosamente curvou-se sobre o criminoso e envolveu-o em seus magros braços. Depois, com a boca terrível e ávida, beijou-lhe os lábios. Então aconteceu: uma parte de si mesma entrou em Erisícton, desceu-lhe pela garganta, e foi alojar-se em seu estômago. Estava concluída a incumbência.*

*Erisícton acorda de repente, atormentado por voraz apetite. Levanta-se, percorre a casa, engole o que encontra. Mas as sôfregas entranhas jamais se satisfazem.*

*Sai pelas ruas, premido pela fome. Às portas dos comerciantes, vai batendo alucinado, deixando seu dinheiro em troca de alimento.*

*Poucos dias lhe bastaram para consumir toda a fortuna. Quando não possuía mais uma única moeda, vendeu os bens. As jóias, as túnicas, os vasos, as estátuas, os móveis, a casa, os jardins – tudo gasto num momento.*

*Nada mais tinha. Só lhe restava a filha, Mnestra. Hesitou, olhando-a tristemente, porém a fome era mais forte que o amor. Vendeu a donzela como escrava.*

*Mas Poseidon (Netuno), compadecido, propiciou a fuga de Mnestra, transformando-a em vários animais, até que ela conseguiu retornar à cidade onde vivera. E ali viu o pavoroso espetáculo de seu pai faminto: pelas ruas sujas dos lugares pobres, Erisícton andava recurvado, o rosto esquelético, a expressão enlouquecida, apanhando o lixo e levando à boca as imundícies.*

*A moça apiedou-se de sua grande pena. Perdoou-lhe tê-la entregue a estrangeiros, e juntou-se a ele. Sob diversas formas, invadiu celeiros e pomares, arriscou a vida, conquistou inimigos para dar de comer ao pai insaciável.*

*Por fim, a cidade nada mais tinha a oferecer-lhes. Os habitantes cerraram fortemente suas portas, para evitar assaltos. Nem lixo havia nas ruas. Nem folhas secas.*

*Escorraçado de todos, solitário, emagrecido, Erisícton assumiu a solução definitiva. Com os dentes, pôs-se loucamente a despedaçar os próprios membros. Devorou-se.*

Sei que qualquer análise poderá empobrecer o mito, mas aos poucos deixando o “remédio” fazer efeito, as pontes entre os elementos da história e a vida vão se revelando e nos mostrando o quão real elas podem ser.

O carvalho da história era sagrado e respeitado por todos. Para os gregos, a natureza era divina e povoada por deidades. As Dríades, por exemplo, eram espíritos femininos que viviam dentro das árvores e as

protegiam; as Náiades eram espíritos femininos que viviam nas águas doces; e as Nereidas eram espíritos femininos que viviam nos mares salgados. Tais crenças revelam uma visão de sacralidade para com a natureza. E isso os humanos perderam ao longo de sua história, o que levou a considerar tudo explorável.

Como Erisícton, resolvemos transformar a natureza em recursos e fontes de lucro, em “móbilis”. Menosprezamos a Deusa-Mãe, Deméter, que mesmo nos avisando de sua punição, continuamos a ameaçá-la de forma desrespeitosa com nossos “machados” tecnológicos e visão de progresso, na lógica mercadológica.

É preciso parar de golpear a natureza, parar com tanta teimosia a qual nos levará ao trágico destino de Erisícton. Precisamos considerar sagrados ambos os gêneros, as outras raças, as outras espécies, a vida vegetal e mineral e toda a biodiversidade.

Precisamos criar sentimentos e atitudes muito diferentes de Erisícton, que desvalorizou e desconectou-se da natureza de suas qualidades e energia feminina. Com isso reduziu as profundezas emocionais de sua personalidade tornando-se frio às questões mais sensíveis. Perder-se ou afastar-se do princípio feminino afeta o bem-estar emocional, modificando de imediato a nossa condição terrena, levando-nos à pobreza de espírito.

Quando resgatarmos a sacralidade da Terra, a poluição do meio ambiente será considerada não apenas algo anti-social ou ilegal, mas também, como considerou Deméter, uma blasfêmia ao seu bosque sagrado.

Um conhecimento da história das Deusas não apenas dá um sentido positivo ao Feminino, mas também oferece uma compreensão ecologizada do mundo. A visão GAIA, tão evidenciada na nova cosmologia, em teorias relativas ao planeta como uma entidade viva, fez com que, conseqüentemente o nome Mãe-Natureza, Mãe-Terra, assumisse um significado profundo.

A Deusa Deméter é um exemplo de figura mítica com uma profunda vinculação com a Deusa-Mãe: GAIA.

A violação da natureza e a violência são intoleráveis para o consciente de Deméter. De acordo com Kerenyie<sup>68</sup> (1961 – p.184), “Da” era um nome antigo de “Ga” ou Gaia, de sorte que Da-mater, mais tarde, Deméter, tinha a ver com a qualidade da Mãe-Terra.

Deméter era filha de Réia. Réia, segundo muitos narradores, nasceu da união do Céu com a Terra, tornando-se filha de Urano e Gaia. Réia casa-se com Crono. Segundo Apolônio de Rodes<sup>69</sup>, Crono e Réia não substituem o Céu e a Terra, mas Eurinome (o passeio amplo) e Ofião (a serpente lua, fazendo associação com a luz grandiosa que surgiu no tempo das trevas). Nessa versão pré-homérica, Réia dança ao som de tambores de madeira

---

<sup>68</sup> BERRY, Patricia in Encarando os deuses. Op. Cit. pp.101

feita de tronco da árvore sagrada. O som criador do tambor lembra o ritmo da terra e a madeira, a árvore. Réia está, desse modo, associada ao carvalho. O carvalho está associado à terra, à mãe-universal, à mãe de Deméter.

Deméter, por sua vez, está associada à atividade cotidiana do sustento. Ela propicia o trigo e o pão, o alimento, e é cultuada e festejada nos campos nas épocas de colheita ao lado de sua filha Coré, que foi raptada por Hades por isso se exila no inverno e retorna na primavera numa reconciliação com os homens. Ela carrega o sofrimento da perda e acena, com o retorno da filha, a esperança de uma vida nova. Ela revela o ciclo de vida – morte – vida.

Deméter ensinou aos homens o cultivo das plantas, a ordem da vida fixa em comunidade, não mais nômade, a lei da convivência. Para os gregos a civilização resultava da agricultura por ela ensinada.

A revolução agrícola gerou toda a possibilidade de evolução tecnológica, a abundância. A Deusa gerou com Iasão, um filho – Pluto, cujo nome significa riqueza. A Deusa ensinou aos homens a técnica agrícola, para que ninguém passasse fome, e a socialização; mas seus preceitos não foram respeitados, o homem quis ter mais e mais e suplantar a própria natureza, tal como o rico Erisícton não se importou com os aspectos sagrados e divinos.

---

<sup>69</sup> MILLER, David – in Encarando os deuses – p.109

Erisícton representa a ganância, o poder dominante, a violação ao meio ambiente. Ele riu, menosprezou e ameaçou a Deusa com o seu machado.

A cegueira do capitalismo que continua voraz, rindo dos despossuídos, passa por cima de tudo o que não gera lucro, rindo dos movimentos de resistência e dos movimentos ambientais. Vejam o exemplo do atual presidente dos EUA, que se negou a assinar o tratado ambiental sobre o clima e não faz acordos para diminuir a poluição e a ameaça de extinção da vida no planeta.

Assim como o carvalho, a terra sofre os profundos golpes de “machado” e sofre todo o tipo de dilapidação e, como a árvore, sangra profundamente.

O castigo de Erisícton é a auto-flagelação pela fome, é a antropofagia. A maldição de Deméter é a fome insaciável e eterna.

Será que já fomos amaldiçoados para sempre com o beijo da fome? Será que acordamos de repente atormentados pela fome e tomamos consciência da crise?

Erisícton teve mais fome que amor. Vendeu sua filha como escrava. Escravizou sua alma feminina. Mas como o princípio feminino é generoso, cuidadoso e possui compaixão voltou para ajudá-lo. Poseidon, o Deus dos mares, compadeceu-se do sofrimento de Mnestra (a mulher) e propiciou o seu retorno. E por que Poseidon? Segundo Kerenyi (Gods of the Greeks,

p.181)<sup>70</sup>; o nome Poseidon pode até significar “marido da Deusa Da”. Além disso, o apelido de Poseidon, Gaiaocos, significa “marido da Terra” e tem algo de nutridor de plantas.

Deméter era a Deusa da fertilidade da terra, das colheitas e como vimos a etimologia do seu nome, está ligada a Gaia. Sua união com Poseidon, que para possuí-la transformou-se em cavalo, representa a seqüência de arar e semear. Dessa relação involuntária e violenta nasceu um cavalo chamado Arião, capaz de falar e prever o futuro. O cavalo, animal consagrado a Poseidon, puxa o arado e prepara a terra para receber as sementes distribuídas por Deméter.

Mnestra voltou, mas foi muito tarde. Precisamos resgatar o princípio feminino antes que seja tarde demais. Antes que a maldição seja consumada.

Não podemos assumir a solução definitiva tomada por Erisícton. Devorar-se por uma fome enlouquecida.

Erisícton menosprezou as qualidades do feminino que se contrastam com as qualidades da tradição patriarcal extrovertida, materialista e altamente estruturada. O princípio feminino pode agir como um contraponto para a fome de poder que fundamenta o patriarcado e o capitalismo.

---

<sup>70</sup> Ibdí – p.101

O atual sistema social, econômico e político é antropofágico. É uma máquina de fome. Nunca o mundo teve tantas mortes por falta de alimentação. Nunca houve tantos famigerados na Terra, nunca houve uma produção tão grande de alimentos e outros produtos.

O ser humano precisa mudar o final desta história e entender que é uma espécie entre milhares, que depende do todo para sua sobrevivência neste planeta. É o único que tem essa consciência e o poder de intervir benéfica ou maleficamente no ambiente, portanto não pode e não deve matar o carvalho sagrado, pois sua responsabilidade é inigualável.

O retorno da filha, do feminino, revelou uma nova forma de encarar o papel do ser humano no mundo. Ela foi capaz de perdoar tudo e tentar salvar o masculino. Esse princípio do amor maior é subversivo, pois busca soluções capazes de alterar ou subverter a lógica consumista, egoísta vigente e propõe um novo modelo de relacionamento mais harmônico com a natureza, novos paradigmas e novos valores éticos. Com uma visão holística e sistêmica, adota posturas de integração e inclusão, busca uma nova cidadania em consonância com os conselhos de Deméter, a cidadania planetária.

O princípio feminino aparece com um despertar de uma nova consciência solidária com o todo maior; funda-se em um novo paradigma, um novo pensar que integra conhecimentos, valores e capacidades dos dois



gêneros que podem levar a um mundo mais ético, mais justo, sem discriminações e explorações, onde todas as espécies têm direito à vida.

Estivemos, mulheres e homens, imersos nas qualidades do princípio masculino há pelo menos cinco mil anos. A influência desses valores e princípios da racionalidade, da objetividade e do poder hierárquico nos afeta psicológica, social e culturalmente.

Para que haja equilíbrio no mundo é necessário a representação das qualidades de cada polaridade (yin/yang), sem a valorização de uma em detrimento da outra. Com isso podemos enriquecer nossa vivência com todo os seres e não cairemos no erro fatal de Erisícton que perdeu tudo o que possuía, inclusive a própria dignidade e vida corpórea.

Precisamos aprender com essa história que a nossa atitude em relação a qualquer coisa criada neste planeta deve ser de reverência.

Precisamos compreender o valor intrínseco do carvalho e o seu direito de continuar a existir como tantos seres em extinção. Assim como, o colossal carvalho aprofundava suas raízes na terra e expandia sua copa para o céu, todos nós precisamos de ambas as polaridades para nos equilibrarmos e nos tornarmos seres inteiros, desenvolvendo ambos os princípios em nossa consciência. Desta forma, seremos capazes de expressar essa parceria também socialmente, baseados na igualdade, permitindo e acolhendo a diversidade, sem discriminação sexual ou de qualquer outro tipo de opressão. Só assim, seremos capazes de recuperar o

sagrado da vida sem pré-julgamentos, discriminações ou destruições, onde a convivência entre todos os seres seja harmônica.

Erísicton com sua visão consumista valorizou o ter em detrimento do ser apesar de ter suas necessidades materiais asseguradas e não precisava de mais. A fome já existia nele, porém chegou a um ponto avassalador. Então a questão seguinte era: “para que mais e mais?”.

Existem várias espécies de fome. “Você tem fome de quê?” – perguntava o poeta.

Algumas fomes são fomes de significado superior, de totalidade e de identidade entre o homem, a mulher e a natureza. David Spangler<sup>71</sup>, um filósofo moderno, fala das necessidades humanas em diferentes níveis de fome. O primeiro nível de fome é biológico, é o da sobrevivência física.

O segundo nível é a fome emocional. Aqui a necessidade é de criatividade, de apoio emocional, de equilíbrio, de auto-estima, de auto-conhecimento, de relacionamento de amor, enfim, é a fome de tudo o que afirma e identifica os seres humanos como seres sensíveis e competentes emocionalmente.

O terceiro nível de fome é a fome mental – consciência é o seu nome. É a fome de conhecimento, de compreensão, de intuição, de sabedoria, de pensar com capacidade e de se posicionar adequadamente.

---

<sup>71</sup> IN: Caderno de Ed. Ambiental – SP – Sec. Do meio Ambiente, p.106-107

O quarto nível é espiritual – a fome de transcendência , de síntese, de cidadania cósmica, de comunhão, de religião com a centelha divina.

Para mim todos esses níveis se interligam e se complementam mutuamente em um só: a fome de equilíbrio entre o masculino e o feminino – que é a fome da plenitude humana.

A sintonia profunda com a Terra nos faria ouvir o vento e os animais que o personagem de nosso mito não foi capaz; ouvir o feminino através dos conselhos da Deusa que traria um manancial de sabedoria, de paz e de harmonia com a Terra.

Essa é a fome básica da humanidade que pode ser saciada com o resgate do feminino e com a compreensão de que O FEMININO E A QUESTÃO AMBIENTAL SÃO FACES DA MESMA MOEDA.

*“ Todas as coisas são interligadas como o sangue que une uma família. O que acontecer com a Terra acontecerá com seus filhos. O homem não pode tecer a trama da vida, ele é meramente um dos fios. Seja o que for que ele faça à trama estará fazendo consigo mesmo.”*

Chefe Seattle

## BIBLIOGRAFIA

- Revista Mitológica. Abril Cultural, nº 9, 1973
- SCHMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000
- BARROS, Maria Margareth Alvim de. As Deusas, as Bruxas e a Igreja – Séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001
- BOFF, Leonardo. A voz do arco-íris. Brasília: Letra Viva, 2000
- \_\_\_\_\_. Ecologia – Grito da Terra, Grito dos Pobres. São Paulo: Ática, 1995
- \_\_\_\_\_. Saber Cuidar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 199
- BULFINCH, Thomás. O livro de ouro da Mitologia – História dos Deuses e Heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 199
- CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- CAMPBELL, Joseph. Todos os nomes das Deusas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997
- CAPRA, Fritjot. O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix, 1982
- EISLER, Riane. O Cálice e a Espada: nossa história, nosso futuro. Rio de Janeiro: Imago, 1990
- ENGELS, Fredrich. A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. São Paulo: Global, 1984
- ELIAS, Joson e KETCHAN, Katherine. Na Casa da Lua. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995

- FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'Água, 1995
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. São Paulo: Petrópolis, 2000
- GOLLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995
- GONÇALVES, Carlos W. Porto. Os des(caminhos) do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2000
- GUTIÉRRES, Francisco e PRADO, Cruz. Ecopedagogia e Cidadania Planetária. São Paulo: Cortez, 1999
- HILLMAN, James. Encarando os Deuses. São Paulo: Pensamentos, 1980
- JOHSON, Robert A.. A Feminilidade Perdida e Reconquistada. São Paulo: Siciliano, 1995
- \_\_\_\_\_. She: a chave do entendimento da psicologia feminina. São Paulo: Mercuryo, 1987
- KOSS, Monika Von. Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000
- KRAMER, Henrich e SPRENGER, James. O martelo das Feiticeiras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998
- LOVY, Michel. Marxismo, Modernidade e Utopia. São Paulo: Xamã editora, 2000
- MARASHINSKY, Amy Sophia. Oráculo da Deusa. São Paulo: Pensamento, 1997
- MARIOTTI, Humberto. As paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Pala Atena, 2000

- MEADOWS, José Pedro Soares. Terra Nave-mãe: por um socialismo ecológico. São Paulo: CEPE, 1991
- MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000
- MURARO, Rose Marie. Textos da Fogueira. Brasília: Letra Viva, 2000
- NEUMANN, Erich. O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina. São Paulo: Paulus, 2000
- SICUTERI, Roberto. Lilith, a Lua negra. São Paulo: Paz e Terra, 1985
- VILLAS-BOAS, Márcia. Olimpo: a saga dos deuses. São Paulo, Siciliano, 1995
- YOUNG, Eisendrath Polly. Bruxas e Heróis: uma abordagem feminista à terapia de casais. São Paulo: Summus, 1995
- ZWEIG, Connie. Mulher: em busca da feminilidade perdida. São Paulo: Gente, 1994